

CARLOS BUNGA

Casa

Versão PT

Carlos Bunga regressa a casa com a sua primeira exposição individual numa galeria em Portugal, mas não é a mesma pessoa que era quando saiu do país; todas as viagens são transformadoras e todos os regressos a casa enriquecedores. Fotografias, vídeos, pinturas, esculturas e desenhos ocupam o espaço da galeria, a meio caminho entre a sua casa e o seu estúdio.

“Chamamos lar ao espaço no qual todos os objetos existem como sujeitos (é o oposto da escravidão)”, explica Emanuele Coccia. As casas são contentores, na maioria das vezes a sua arquitetura já nos chega pré-estabelecida, e por isso são os objetos que as preenchem que as tornam habitáveis, e as transformam nos nossos lares. Em cada objeto existe algo de nós e é desta ligação que surge o sentimento de pertença.

Nos últimos tempos temos sido obrigados a procurar novas formas de estar nas nossas casas como resultado da sua obsolescência. As casas passaram de refúgios a prisões, converteram-se em centros de produção e de consumo onde o público e o privado se misturam, algumas hiperligadas e outras praticamente isoladas, solitárias ou asfixiantes, hipertecnológicas ou sustentáveis, e a meio caminho entre o físico e o virtual. Estas múltiplas contradições no modo de habitar as nossas casas mostram o seu estado de hibridização, e a sua mutação em laboratório que estuda novas formas de convivência e sociabilidade, e onde se aprendem outros modos de viver e morrer.

A pandemia não colocou só todos os corpos em casa, também deixou aqueles que não a tinham, ou a perderam, na rua. As suas malas e os seus carros cheios de objetos, é tudo o que lhes resta das suas casas. Os seus corpos-casa são monumentos urbanos que nos fazem lembrar o fracasso das nossas instituições democráticas.

Enquanto as nossas casas se transformam, a terra está em ruínas, e nós humanos que juntamente com outras espécies animais somos menos de 10% da biomassa do planeta, somos quem tem provocado estes desequilíbrios, esgotando cada vez mais rápido os recursos terrestres. Será que o nosso futuro tem espaço para continuar apesar de estarmos a esgotar os recursos da nossa casa comum?



O trabalho de **Carlos Bunga** (1976, Porto) combina uma intensa materialidade com a evocação de estados psíquicos. As suas estruturas escultóricas e pictóricas propõem a arquitetura como corpo e espaço mental. Nos seus ciclos de construção e transformação, o artista explora estados de despojamento e nomadismo.

Bunga participou na Manifesta 5, em San Sebastian (2004), na Bienal de São Paulo (2010), e na Bienal de Arquitetura de Chicago (2015). Expôs individualmente em muitos museus incluindo: Pinacoteca de São Paulo (2012); Hammer Museum, em Los Angeles; Museu de Serralves, no Porto (2012); Museo Universitario de Arte Contemporáneo, na Cidade do México (2013); Haus Konstruktiv Museum, em Zurique (2015); MACBA, em Barcelona (2015); MOCA, em Detroit (2018); MAAT, em Lisboa (2019), MOCA Toronto (2020); ou Whitechapel, em Londres (2020).

Entre as suas próximas exposições, podemos destacar: Secession de Viena (2021), e Palácio de Cristal do MNCARS, em Madrid (2022).

CARLOS BUNGA

Casa

EN version

Carlos Bunga returns home with his first solo show in a gallery in Portugal, but he is not the same person that he was when he left the country; every trip is transformative and every homecoming is enriching. Photographs, videos, paintings, sculptures and drawings fill the space of the gallery, halfway between his home and his studio.

“We call home to the space in which all objects exist as subjects (it is the opposite of slavery)”, explains Emanuele Coccia. Houses are containers, and in most cases their architecture comes pre-determined, so therefore the objects that fill them make them habitable, and also transform them into our homes. In each object there is something of us and it’s from this connection that the feeling of belonging comes from.

Lately, we have been forced to find new ways of being in our homes as a result of their obsolescence. Houses went from refuges to prisons, they were converted in production and consumption centres where public and private get mixed up, some are hyper-connected and others practically isolated, lonely or stifling, hyper-technologic or sustainable, and halfway between the physical and the virtual. These multiple contradictions in the way of inhabiting our homes show their hybridization, and their mutation into laboratories that study new ways of coexisting and socializing, and where other ways of living and dying can be learned.

The pandemic has not only placed all bodies at home, but also left the ones that didn’t have a home, or that lost one, on the street. All that they have left of their homes are their suitcases and cars full of objects. Their house-bodies are urban monuments that remind us of the failure of our democratic institutions.

While our homes change, the earth is in ruins, and we, humans, that together with other animal species are less than 10% of the biomass of the planet, are the ones causing all these imbalances, more and more rapidly consuming terrestrial resources. Is there space for a future when we are squandering the resources of our common home?



The work that **Carlos Bunga** (1976, Porto) produces combines an intense materiality with the evocation of psychological states. His sculptural and pictorial structures propose architecture as body and mental space. In his cycles of construction and transformation, the artist explores states of dispossession and nomadism.

Bunga has participated in Manifesta 5, in San Sebastian (2004), at the São Paulo Biennial (2010), and at Chicago Architecture Biennial (2015). He has had many solo shows in museums, which include: Pinacoteca de São Paulo (2012); Hammer Museum, in Los Angeles; Museu de Serralves, in Porto (2012); Museo Universitario de Arte Contemporáneo, in Mexico City (2013); Haus Konstruktiv Museum, in Zurich (2015); MACBA, in Barcelona (2015); MOCA, in Detroit (2018); MAAT, in Lisboa (2019); MOCA Toronto (2020); or Whitechapel, in London (2020).

Among his upcoming exhibitions, we can highlight: Secession in Vienna (2021), and Palácio de Cristal, part of MNCARS, in Madrid (2022).